

VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS LGBTI+: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA A PARTIR DOS POSTULADOS DE KANT E DESCARTES

Diego da Silva¹

Rosa Kioko Iida da Silva²

Karen Roberta Souza de Almeida³

RESUMO: o presente texto tem por objetivo realizar uma narrativa epistemológica a partir dos postulados de Kant e Descartes acerca da violência contra pessoas LGBTI+. Para tanto foram elencadas características principais sobre a população LGBTI+ englobando o conceito de violência contra este público. Posteriormente foi articulado os postulados principais de Kant e Descartes com a violência contra pessoas LGBTI+. À luz da filosofia kantiana, a violência contra pessoas LGBTI+ representa uma clara violação da dignidade humana, desrespeitando o princípio de que todo ser humano deve ser tratado como um fim em si mesmo. Na perspectiva cartesiana, com seu foco na razão e na autonomia do pensamento, demonstra que os preconceitos contra a população LGBTI+ são baseados em crenças infundadas e irracionais que não resistem a uma análise crítica. Desta forma, ao confrontar a violência contra a comunidade LGBTI+ com os princípios filosóficos de Kant e Descartes, este estudo reafirma a importância de uma ética baseada no respeito incondicional à dignidade humana e na promoção da racionalidade como base para a convivência social.

766

Palavras-chaves Descartes. LGBTI+. Princípios filosóficos. kant.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva discutir a violência sofrida pela comunidade LGBTI+, através de uma análise epistemológica sob o viés de Kant e Descartes. Partindo do significado sobre o termo diversidade, em raciocínio simples, entende-se sobre a qualidade daquilo que é diverso, diferente, fora do que é comum. Trazendo essa definição para o meio social contemporâneo, na prática, vislumbra-se diversos grupos de pessoas em sua mais variada crença, cor, raça, sexo, cultura, etnia, os grupos vivendo em conjunto, se esbarrando no dia a dia, se cumprimentando e se conhecendo (SILVA, 2024).

A discriminação e a violência contra as comunidades LGBTI+ do Brasil são generalizadas, mas muitas vezes subnotificadas. A natureza vulnerável de indivíduos lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) pode ser justificada tanto em termos de perspectivas

¹Psicólogo. Docente da UniEnsino. Doutorando em Administração pela Universidade Positivo.

²Discente de Psicologia da UniEnsino.

³Discente de Psicologia da UniEnsino.

filosóficas quanto políticas, a natureza frágil dos seres humanos, que é destacada pela perspectiva filosófica, pode certamente ser aplicada a pessoas LGBTI+.

No Brasil, as pessoas LGBTI+ são assediadas e vitimadas de forma desproporcional justamente por serem quem são. Uma razão é a profunda tensão do conservadorismo social na sociedade brasileira, o Brasil é extremamente violento: o país tem o maior número absoluto de homicídios do mundo, muitos deles decorrentes de crimes de ódio, somente em setembro de 2020, mais de 150 pessoas trans foram mortas no Brasil (GRUPO GAY DA BAHIA, 2021⁴).

Sobre as diversas formas de violência sofridas pela população LGBTI+ se pode falar que são inúmeras. A violência contra a população LGBTI+ é um tema amplo, abordado por diversos setores, desde órgãos governamentais, organizações internacionais, sociedade civil e academia.

A violência contra a população LGBTI+ se caracteriza por compor um processo de discriminação a determinadas expressões de gênero e sexualidade. Um dos aspectos mais complexos na caracterização dessa violência é a pluralidade de formas que ela pode ter. De acordo com a Organização Mundial de Saúde citada por (KRUG EG et al, 2002, p. 5) conceitua “violência como o uso intencional de força física ou poder, real ou em ameaça, contra si mesmo(a), contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande chance de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

767

As dimensões completas da violência contra pessoas LGBTI+ ainda não estão claras. Isso ocorre porque os dados oficiais e não governamentais sobre violência física e digital contra gays, lésbicas, bissexuais, queer e trans são irregulares e desiguais. Onde ameaças, ataques, ferimentos e assassinatos são registrados pelas autoridades brasileiras, eles raramente registram o motivo subjacente.

Para Borrillo (2010), a homofobia é atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto homens e mulheres. Consiste em uma manifestação arbitrária que designa o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de

⁴ Grupo que organiza os dados epidemiológicos sobre violência LGBTI+ no Brasil.

sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas. (BORRILLO, 2010, p. 34)

No Brasil não havia consenso a despeito do comportamento homossexual, posto que em algumas tribos havia aceitação e em outras não.

No entendimento de Borrillo (2010), a homofobia torna-se, assim, a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino), contudo, existem indivíduos que, no aspecto de gênero e sexualidade, se identificam e orientam de modos que estão para além dessas fronteiras, e, nesse sentido, homofobia, quando intenta naturalizar e legitimar apenas um comportamento, está a diminuir ainda mais esses “limites”

No início da civilização ocidental, o comportamento homossexual era tolerado, sendo prática comum na Grécia, Pérsia e China, mas condenada entre os assírios, os hebreus e os egípcios. Entre os índios brasileiros, assim como em algumas sociedades africanas, as reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo variam desde a aceitação, como uma expressão legítima da sexualidade, até a rejeição absoluta (CECCARRELI, 2008, p. 43)

A definição de homofobia é medo, ódio, desconforto ou desconfiança de pessoas que são lésbicas, gays ou bissexuais. Bifobia é medo, ódio, desconforto ou desconfiança, especificamente em relação a pessoas bissexuais. Da mesma forma, a transfobia é o medo, ódio, desconforto ou desconfiança de pessoas que são transgênero, queer ou que não seguem as normas tradicionais de gênero (SILVA, 2024).

Embora a transfobia, a bifobia e a homofobia sejam semelhantes, elas não são a mesma coisa. Tanto gays quanto heterossexuais (hetero) podem ser transfóbicos e bifóbicos, e pessoas podem ser transfóbicas sem serem homofóbicas ou bifóbicas. A homofobia pode assumir muitas formas diferentes, incluindo atitudes e crenças negativas, aversão (rejeição) ou preconceito contra bissexuais, lésbicas e gays. Muitas vezes é baseado em medo irracional e mal-entendidos. A homofobia de algumas pessoas pode derivar de crenças religiosas conservadoras. As pessoas podem ter crenças homofóbicas se forem ensinadas por seus pais e parentes (FERNANDES ET AL, 2022).

Pessoas homofóbicas podem usar insultos ou linguagem obscena ao falar sobre lésbicas e gays. Pessoas bifóbicas podem dizer às pessoas bissexuais que elas "só querem atenção" ou que são naturalmente infieis. Em suas formas mais extremas, a homofobia e a bifobia podem levar as pessoas a intimidar, abusar e usar violência contra lésbicas, gays e bissexuais. Algumas pessoas da comunidade LGBTQIA+ sofrem discriminação com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero (FERNANDES ET AL, 2022).

A homofobia internalizada acontece quando uma pessoa é homofóbica, mas também é atraída por pessoas do mesmo sexo. Às vezes, as pessoas podem ter atitudes e crenças negativas em relação àqueles que sentem atração pelo mesmo sexo e, em vez de aceitar seus próprios desejos, transformam essas crenças negativas em si mesmas. Isso pode significar se sentir desconfortável e desaprovar sua própria atração pelo mesmo sexo, nunca aceitar sua atração pelo igual ou nunca se identificar como lésbica, gay ou bissexual. As pessoas que internalizaram a homofobia podem sentir a necessidade de "provar" que são heterossexuais, também podem sentir a necessidade de se comportar de uma maneira muito estereotipada de homens e mulheres heterossexuais, ou mesmo de intimidar e discriminar pessoas que são abertamente gays. (ALBUQUERQUE ET AL, 2016)

ARTICULAÇÃO DA VIOLÊNCIA LGBT COM OS POSTULADOS DE KANT

A articulação entre a violência contra a população LGBT e os postulados éticos de Immanuel Kant revela tensões significativas, especialmente no que diz respeito à moralidade prática e aos princípios fundamentais da dignidade humana. A obra kantiana, especialmente em "A Metafísica dos Costumes" (KANT, 2005), estabelece a noção de que o ser humano deve ser tratado como um fim em si mesmo e nunca como um meio para os fins de outro. Essa máxima, derivada do imperativo categórico, impõe a obrigatoriedade moral de respeito incondicional à dignidade de cada indivíduo, o que entra em evidente contradição com a realidade da violência LGBT, que nega essa dignidade.

769

A violência contra a população LGBT, ao negar a dignidade intrínseca dessas pessoas, contradiz diretamente o princípio moral estabelecido por Kant de que todo ser humano deve ser considerado um fim em si mesmo. Esse postulado está no cerne de sua ética deontológica, baseada no imperativo categórico, que afirma que as ações devem ser realizadas de acordo com máximas que possam ser universalizadas. Em outras palavras, Kant (2005) propõe que um ato só pode ser considerado moral se puder ser estendido a todos sem exceção, respeitando a autonomia e a dignidade de cada ser humano.

A violência e a discriminação contra a população LGBT falham em passar pelo crivo da universalização. Se os atos violentos contra indivíduos LGBT fossem elevados a uma máxima universal, isso implicaria em um princípio moral que justifica a violação dos direitos fundamentais e da dignidade de uma parcela da população, o que é inadmissível na ética kantiana. Como Kant (2000) afirma na "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", a

dignidade do ser humano não está sujeita a condições e não pode ser relativizada com base em características pessoais, como orientação sexual ou identidade de gênero.

A noção de autonomia, central na moralidade kantiana, é desrespeitada pela violência LGBT. Para Kant, o indivíduo é dotado de razão e, por meio dela, deve ser capaz de agir de forma autônoma, guiando-se por leis morais que ele próprio pode aceitar como universais. A violência dirigida à população LGBT impede que essas pessoas exerçam sua autonomia plena, uma vez que as submete a condições de medo, repressão e insegurança. Isso implica uma negação da liberdade racional do indivíduo, que é um dos princípios do pensamento ético kantiano (KANT, 1997).

A agressão e o preconceito contra pessoas LGBT podem ser entendidos como formas de instrumentalização, uma vez que aqueles que perpetuam esses atos utilizam a violência para impor suas próprias crenças e preconceitos sobre os outros. Para Kant, essa instrumentalização do outro é moralmente condenável, pois transforma o ser humano em um meio para a realização de interesses particulares, seja de controle social, afirmação de superioridade ou manutenção de normas conservadoras, a violência LGBT instrumentaliza pessoas ao colocá-las como objetos de ódio e discriminação, em vez de reconhecerem nelas sujeitos dotados de valor intrínseco e dignidade (KANT, 2005).

Segundo Kant, "a liberdade de cada um deve ser limitada pela coexistência com a liberdade de todos, de acordo com uma lei universal" (KANT, 2005, p. 34). Esse princípio de universalidade ética torna a violência contra pessoas LGBT injustificável, uma vez que tais atos são expressões de discriminação que violam a liberdade e a dignidade de indivíduos por razões de orientação sexual ou identidade de gênero. A violência LGBT, em sua natureza, consiste em uma violação do dever moral que cada ser humano tem para com o outro, desconsiderando a máxima de respeito mútuo que Kant defende.

Na "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", Kant (2000) enfatiza o valor intrínseco da pessoa, que não pode ser reduzida a um objeto de uso ou tratamento degradante por parte de outros. Ele escreve que "o homem, e de modo geral todo ser racional, existe como um fim em si mesmo" (KANT, 2000, p. 46). Esse reconhecimento da dignidade humana deve se aplicar universalmente, sem distinções de raça, gênero ou orientação sexual. No entanto, a violência LGBT representa uma clara violação deste postulado, pois subordina o indivíduo LGBT a condições de marginalização e desumanização.

Nas "Lectures on Ethics", Kant argumenta que a moralidade não pode ser baseada em sentimentos ou interesses pessoais, mas deve ser fundamentada na razão e no respeito ao dever (KANT, 1997). A violência dirigida contra a população LGBT é uma falha ética não apenas porque causa dor e sofrimento, mas porque se baseia em preconceitos e emoções irracionais que ignoram os princípios racionais da moralidade kantiana, critica fortemente qualquer forma de instrumentalização do ser humano, e atos de violência, especialmente aqueles motivados por preconceitos, são uma forma clara de tratar o outro como mero meio para a afirmação de superioridade ou controle.

Nas "Lectures on Ethics", Kant enfatiza a necessidade de que a moralidade esteja enraizada na razão e no dever, e não em emoções, impulsos ou interesses individuais, a moralidade é objetiva e universal, e as ações devem ser guiadas por princípios racionais que possam ser aplicados a todos os seres humanos de maneira imparcial (KANT, 1997). A violência contra a população LGBT, no entanto, é movida por preconceitos e sentimentos irracionais de ódio, aversão ou repulsa, que não podem ser justificados por uma moralidade baseada na razão. Esses atos violam a estrutura ética kantiana ao se basearem em inclinações emocionais e não em princípios morais universais.

A instrumentalização do ser humano, algo fortemente criticado por Kant, é uma característica evidente nos atos de violência motivados por preconceitos. Na ética kantiana, tratar o outro como um mero meio para um fim é uma violação do imperativo categórico, que estabelece que todo indivíduo deve ser tratado como um fim em si mesmo. A violência contra pessoas LGBT, ao transformar esses indivíduos em objetos de opressão, controle ou submissão, representa uma forma clara de instrumentalização, aqueles que cometem atos de violência ou discriminação utilizam os indivíduos LGBT como ferramentas para reforçar suas próprias crenças ou para afirmar uma suposta superioridade moral ou social, desrespeitando completamente a dignidade intrínseca dessas pessoas (KANT, 2005).

Kant propõe que a razão deve ser o fundamento de toda moralidade. A razão é o que permite aos seres humanos reconhecerem a igualdade e a dignidade de todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. A discriminação contra a população LGBT, ao contrário, ignora essa racionalidade e se baseia em construções sociais e culturais que desumanizam esses indivíduos. Os preconceitos contra pessoas LGBT não resistem a um exame racional e moral, já que, ao tratá-las de forma desigual, violam o princípio de universalidade que

Kant tanto valoriza, a única moralidade válida é aquela que pode ser defendida racionalmente e que trata todos os seres humanos com igual respeito e dignidade.

A violência, especialmente quando motivada por preconceitos, também é uma forma de negação da autonomia do outro. Kant destaca a importância da autonomia moral, isto é, a capacidade de cada ser humano de legislar para si mesmo de acordo com princípios morais racionais. Os indivíduos LGBT, ao serem alvos de violência e discriminação, têm sua autonomia negada, pois são privados da possibilidade de viver suas vidas livremente, sem medo de repressão ou violência. A opressão e o controle exercidos sobre essas pessoas impedem que elas exerçam sua liberdade de forma plena e autônoma, o que, para Kant, constitui uma falha ética grave.

Na moralidade kantiana, a violência contra a população LGBT não pode ser justificada de nenhuma maneira, não apenas porque causa sofrimento e dor, mas porque se fundamenta em preconceitos que desrespeitam a dignidade humana, instrumentalizam os indivíduos e negam a racionalidade e a autonomia que são características essenciais da ética kantiana. Kant, ao criticar qualquer forma de uso do ser humano como meio para fins externos, oferece uma condenação explícita de qualquer prática que viole a dignidade e a igualdade que todos os seres humanos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, possuem intrinsecamente, a análise kantiana nos permite reconhecer que a violência contra a população LGBT não é apenas uma questão de justiça social ou política, mas uma questão ética profunda.

772

A moralidade, para Kant, exige o respeito incondicional à dignidade humana, e qualquer ato que negue esse princípio — como a violência motivada por preconceitos — é uma falha moral inaceitável. O pensamento kantiano, portanto, condena de forma clara e enfática qualquer tipo de discriminação e violência, reafirmando o dever de tratar todas as pessoas com respeito e igualdade, independentemente de suas diferenças.

A análise da violência contra a população LGBT sob a luz dos postulados kantianos, observa-se uma clara contradição entre as práticas de discriminação e agressão e os princípios éticos fundamentais defendidos por Kant, o respeito pela dignidade, pela liberdade e pela igualdade de cada ser humano é central para a ética kantiana, e a violação desses princípios, expressa na violência contra pessoas LGBT, é uma grave transgressão da moralidade racional. Portanto, a articulação da violência LGBT com os princípios de Kant evidencia uma falha moral profunda e uma urgente necessidade de reflexão ética sobre a convivência humana em sociedades contemporâneas.

ARTICULAÇÃO DA VIOLÊNCIA LGBT COM OS POSTULADOS DE DESCARTES

A articulação entre a violência contra a população LGBT e os postulados filosóficos de René Descartes pode parecer, à primeira vista, complexa, uma vez que o pensamento cartesiano é amplamente focado na epistemologia e na metafísica, tratando fundamentalmente da questão do conhecimento e da natureza da realidade. No entanto, ao analisar mais profundamente as bases racionais que Descartes estabelece em suas obras, como "O Discurso do Método" (DESCARTES, 2001) e as "Meditações sobre Filosofia Primeira" (DESCARTES, 2004), é possível encontrar fundamentos éticos que podem ser aplicados para criticar a violência e o preconceito direcionados à população LGBT.

Descartes, em sua busca pela certeza e pela verdade, propõe uma metodologia que envolve a suspensão de todas as crenças que possam ser duvidosas. No "Discurso do Método", ele propõe que devemos desconfiar de tudo que nos foi ensinado até que seja submetido à razão crítica e à evidência clara (DESCARTES, 2001). Essa proposta de dúvida sistemática pode ser estendida à análise das normas sociais que fundamentam o preconceito contra a população LGBT. Muitas das crenças que sustentam a discriminação e a violência contra essas pessoas são construídas com base em preconceitos culturais, tradições religiosas ou dogmas sociais que não resistem a uma análise racional rigorosa. Sob o prisma cartesiano, a rejeição ou marginalização de indivíduos LGBT com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero carece de uma fundamentação racional sólida, sendo fruto de crenças não examinadas e, portanto, passíveis de erro.

Descartes, ao propor a suspensão de todas as crenças que possam ser duvidosas, lança as bases de um processo de análise crítica que busca separar o conhecimento verdadeiro das ideias infundadas ou preconceituosas. Essa metodologia, apresentada no "Discurso do Método" (DESCARTES, 2001), pode ser vista como uma ferramenta poderosa para questionar normas e tradições sociais que perpetuam a discriminação contra a população LGBT. O preconceito e a violência dirigidos a essas pessoas são muitas vezes baseados em convenções sociais e culturais que, embora amplamente aceitas, não foram submetidas ao escrutínio da razão crítica, sendo, portanto, susceptíveis de erro.

A dúvida cartesiana, ao exigir que suspendamos toda e qualquer crença que não possa ser justificada por evidência clara e distinta, nos leva a questionar o fundamento das ideias que sustentam a discriminação. Crenças enraizadas em tradições religiosas, por exemplo, que condenam a orientação sexual ou a identidade de gênero que fogem das normas

heteronormativas, devem ser colocadas sob a lupa da razão. Ao adotar o método cartesiano, reconhecemos que tais crenças não possuem uma base racional clara, uma vez que se baseiam em pressupostos dogmáticos e não em um conhecimento verificado. Para Descartes, o uso da razão é essencial para alcançar a verdade, e preconceitos que nascem de tradições culturais ou religiosas não sobrevivem à aplicação desse princípio (CARNEIRO, 2003).

Descartes, em sua busca pela certeza, enfatiza a importância de se libertar das impressões dos sentidos e das opiniões recebidas que podem nos enganar (DESCARTES, 2001). Muitas das percepções sobre a população LGBT são baseadas em noções equivocadas que resultam de uma visão limitada e estereotipada da realidade. A homofobia e a transfobia, por exemplo, são sustentadas por imagens e representações distorcidas que desumanizam indivíduos LGBT e criam falsas percepções sobre suas vidas e identidades. Sob o prisma da dúvida cartesiana, esses preconceitos são questionados e revelados como construções sem base racional, originadas em percepções sensoriais enganosas ou em informações transmitidas de geração em geração sem uma devida verificação crítica.

Descartes também propõe que o conhecimento verdadeiro deve ser claro e distinto, isto é, deve ser compreendido de maneira completa e sem confusão (DESCARTES, 2001). Os preconceitos contra a população LGBT, ao contrário, são frequentemente confusos e vagos, baseados em conceitos distorcidos de normalidade e moralidade que não podem ser defendidos com clareza e precisão. A discriminação contra indivíduos LGBT é justificada por argumentos que não passam pelo crivo da razão cartesiana, uma vez que não há uma evidência clara e distinta que sustente a ideia de que certas orientações sexuais ou identidades de gênero são inferiores ou moralmente erradas. Pelo contrário, essas crenças se mostram como construções sociais arbitrárias, não baseadas em qualquer conhecimento verdadeiro ou racional.

O projeto cartesiano de fundar o conhecimento em princípios racionais sólidos nos leva a considerar que qualquer norma ou crença que promova a exclusão ou a marginalização de grupos deve ser sujeita a uma análise crítica rigorosa. Descartes sugere que, para chegarmos ao conhecimento verdadeiro, precisamos abandonar tudo o que não pode ser provado por meio da razão (CARNEIRO, 2003). Aplicando essa ideia ao preconceito contra pessoas LGBT, é evidente que as crenças que justificam a violência e a discriminação contra essa população não podem ser sustentadas pela razão. Elas são, portanto, ilusões que devem ser rejeitadas como fontes de erro. A discriminação com base em orientação sexual ou identidade de gênero não

resiste a uma análise cartesiana, pois não pode ser justificada por meio de uma argumentação racional e, conseqüentemente, deve ser descartada.

Nas "Meditações sobre Filosofia Primeira", Descartes (2004) estabelece a famosa ideia do "cogito, ergo sum" – penso, logo existo – como o primeiro princípio de sua filosofia, que identifica a existência do sujeito pensante como a única certeza inquestionável. A partir dessa concepção, Descartes enfatiza a importância da subjetividade racional, a individualidade do pensamento e a autonomia do ser racional. Esse princípio da autonomia cartesiana pode ser utilizado para criticar a violência contra a população LGBT, na medida em que cada ser humano, como sujeito pensante e autônomo, tem o direito de viver sua vida de acordo com sua própria racionalidade e suas escolhas pessoais, desde que essas não prejudiquem outros. A violência e o preconceito dirigidos a pessoas LGBT representam uma negação dessa autonomia, pois buscam impor normas externas e preconceituosas sobre a subjetividade desses indivíduos, negando-lhes a capacidade de existir de forma livre e racional em suas próprias identidades.

Nas "Meditações sobre Filosofia Primeira", ao afirmar "penso, logo existo" (DESCARTES, 2004), Descartes coloca a existência e a subjetividade do ser pensante no centro de sua filosofia. Esse princípio, que funda a certeza da existência a partir da capacidade de pensar, estabelece a importância da autonomia do indivíduo enquanto ser racional. Cada pessoa, ao ser dotada de pensamento e razão, é um ser autônomo que deve ser livre para fazer suas próprias escolhas e viver de acordo com sua própria racionalidade. Esse foco na autonomia e na subjetividade cartesiana pode ser uma base sólida para criticar qualquer tipo de violência e discriminação, incluindo aquelas direcionadas à população LGBT.

775

O princípio da autonomia racional proposto por Descartes implica que cada indivíduo deve ser respeitado enquanto ser capaz de formular seus próprios juízos e tomar decisões sobre sua vida, desde que essas escolhas não prejudiquem outras pessoas (VORSATZ, 2015). No entanto, a violência e o preconceito contra pessoas LGBT violam essa autonomia ao tentarem impor normas externas e preconceituosas sobre suas identidades e escolhas pessoais. Ao marginalizar indivíduos com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero, a sociedade nega a eles o direito de existir livremente como sujeitos racionais, restringindo suas vidas a padrões heteronormativos ou tradicionais que não levam em conta a diversidade de experiências humanas.

O cogito cartesiano é uma afirmação do valor intrínseco de cada ser humano enquanto ser pensante, o que pressupõe que cada indivíduo deve ser tratado com respeito à sua capacidade

racional. A violência contra a população LGBT, ao contrário, desumaniza essas pessoas, tratando-as não como sujeitos pensantes, mas como objetos de controle ou repressão, o preconceito dirigido a pessoas LGBT é uma negação direta da concepção cartesiana de sujeito autônomo, uma vez que tenta limitar as possibilidades de vida dessas pessoas com base em normas sociais ou religiosas que não são fundamentadas em uma análise racional de suas existências.

A filosofia cartesiana valoriza a liberdade de pensamento e o exercício da racionalidade, colocando a razão no centro da experiência humana (VORSATZ, 2015). Nesse sentido, a imposição de normas sociais rígidas, que restringem a expressão da identidade de indivíduos LGBT, representa uma forma de opressão que Descartes condenaria. O pensamento cartesiano sugere que, enquanto seres racionais, todos os indivíduos têm o direito de questionar e rejeitar normas que não se justificam racionalmente. A violência e a discriminação contra a população LGBT, ao serem baseadas em preconceitos e não em razões fundamentadas, são incompatíveis com a liberdade de pensamento e de escolha que Descartes tanto valoriza.

Descartes estabelece que a razão é a base para a verdade e o conhecimento, o que implica que qualquer norma ou crença que não seja fundamentada pela razão deve ser rejeitada. Os preconceitos contra a população LGBT são, muitas vezes, construídos sobre bases emocionais, religiosas ou culturais que carecem de uma justificativo racional clara. Ao se analisar a discriminação contra pessoas LGBT sob o prisma da filosofia cartesiana, percebemos que tais preconceitos não resistem a uma análise racional rigorosa. Descartes propõe que as crenças e ações humanas devem ser guiadas pela clareza e pela distinção, ou seja, por ideias que podem ser compreendidas de forma inequívoca e lógica, a violência contra a população LGBT, ao se basear em argumentos confusos e irracionais, não atende a esses critérios cartesianos.

A autonomia cartesiana também implica uma responsabilidade moral. Ao reconhecer a si mesmo como sujeito pensante e autônomo, cada indivíduo tem o dever de respeitar a autonomia dos outros, a violência contra pessoas LGBT não só representa uma falha em respeitar essa autonomia, mas também é uma transgressão da responsabilidade moral que temos de tratar os outros como seres racionais e livres. Sob essa ótica, o preconceito e a violência são, para Descartes, moralmente condenáveis, pois violam a liberdade e a dignidade inerentes a cada indivíduo, reduzindo a pessoa LGBT a um estado de opressão e subordinação a normas externas que não refletem sua realidade interna.

A ideia de "penso, logo existo" não apenas confirma a existência de cada indivíduo como ser racional, mas também reforça a noção de que a dignidade e a autonomia de cada pessoa devem ser respeitadas, a violência contra a população LGBT, ao tentar negar a essas pessoas o direito de viver de acordo com sua própria racionalidade, é uma forma de anular a subjetividade e a liberdade de pensamento que são essenciais para a existência humana segundo Descartes. A filosofia cartesiana, ao valorizar a autonomia e a racionalidade de cada ser humano, fornece uma base sólida para condenar qualquer forma de preconceito e violência, reafirmando a necessidade de respeitar a diversidade de experiências e identidades dentro da sociedade.

Descartes sugere que o corpo, em sua relação com o pensamento, deve ser subordinado à razão, a discriminação e a violência baseadas na orientação sexual ou identidade de gênero, porém, invertem essa lógica ao priorizar as características corporais ou superficiais sobre a racionalidade e a essência do ser. Ao tratar indivíduos LGBT como inferiores ou como "outros", desumanizando-os com base em aspectos corporais, sociais ou culturais, a sociedade falha em reconhecer a racionalidade e a individualidade de cada ser humano, algo que para Descartes seria fundamental. Em sua filosofia, o corpo pode ser enganado pelos sentidos, mas a mente, quando corretamente dirigida pela razão, deve reconhecer a igualdade e a dignidade de todos os seres racionais (DESCARTES, 2004).

O método cartesiano também valoriza a clareza e a distinção como critérios para o conhecimento verdadeiro. A violência contra a população LGBT, por sua vez, é frequentemente motivada por ideias confusas e preconceitos mal fundamentados, que não se baseiam em uma avaliação clara e distinta da realidade. Descartes diria que tais ideias preconceituosas carecem de qualquer certeza e, portanto, não devem ser aceitas como verdadeiras. A razão deve ser a base das interações humanas, e qualquer ação ou julgamento que não se apoie em princípios racionais claramente estabelecidos deve ser descartado. Nesse sentido, a violência LGBT é moralmente indefensável à luz do pensamento cartesiano, pois se baseia em preconceitos irracionais que não resistem à análise crítica da razão.

O projeto cartesiano de construir uma ciência e uma moralidade fundadas na razão serve de base para a crítica de qualquer forma de opressão ou discriminação. O preconceito contra pessoas LGBT, assim como qualquer forma de violência, é uma expressão de crenças infundadas e emocionalmente carregadas que falham em seguir o método racional proposto por Descartes. A filosofia cartesiana nos convida a rever todas as nossas concepções à luz da razão, e, ao fazê-lo, devemos rejeitar qualquer sistema de crenças que perpetue a injustiça e a exclusão. Descartes,

ao propor que o conhecimento verdadeiro e as ações corretas devem ser pautadas pela razão, fornece uma base filosófica para a condenação da violência LGBT, ao nos lembrar que a razão, quando corretamente aplicada, revela a igualdade fundamental entre todos os seres humanos.

Embora o foco de Descartes não seja explicitamente ético, suas ideias fornecem ferramentas importantes para criticar a violência e o preconceito contra a população LGBT. A racionalidade cartesiana, com seu compromisso com a clareza, a distinção e a autonomia do pensamento, pode ser utilizada para demonstrar que a discriminação contra indivíduos LGBT é irracional e injustificável, a violência LGBT, sob a ótica do pensamento cartesiano, não apenas representa um erro moral, mas também uma falha profunda no uso da razão, que deve ser corrigida por meio de uma reflexão filosófica mais rigorosa e racional.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou a violência sofrida pela comunidade LGBT à luz das perspectivas filosóficas de Kant e Descartes, destacando como a discriminação contra essa população fere princípios fundamentais da ética e da razão. À luz da filosofia kantiana, a violência contra pessoas LGBT representa uma clara violação da dignidade humana, desrespeitando o princípio de que todo ser humano deve ser tratado como um fim em si mesmo, o imperativo categórico kantiano condena qualquer forma de violência e discriminação, visto que essas ações, se universalizadas, resultariam na violação dos direitos fundamentais de uma parcela da população.

778

Na perspectiva cartesiana, com seu foco na razão e na autonomia do pensamento, demonstra que os preconceitos contra a população LGBT são baseados em crenças infundadas e irracionais que não resistem a uma análise crítica. Descartes nos lembra que, para alcançar o verdadeiro conhecimento, é necessário questionar todas as crenças que não são fundamentadas na razão, as normas sociais que perpetuam a discriminação devem ser rejeitadas por serem ilógicas e desumanas.

Desta forma, ao confrontar a violência contra a comunidade LGBT com os princípios filosóficos de Kant e Descartes, este estudo reafirma a importância de uma ética baseada no respeito incondicional à dignidade humana e na promoção da racionalidade como base para a convivência social, a violência e o preconceito contra essa população não são apenas falhas éticas, mas também representam uma falha no uso da razão, revelando a necessidade urgente de uma reflexão profunda para a superação dessas barreiras sociais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. A., PARENTE, J. S., BELÉM, J. M., & GARCIA, C. DE L. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde Em Debate**, 40(109), 100-111, 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610908>
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CARNEIRO, K. Desejo em Descartes: vontade, erro e generosidade. **Cogito**, v.5, Salvador 2003.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. In: BAGOAS -estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008.
- DESCARTES, R. **Meditações sobre filosofia primeira**. (Trad. de Fausto Castilho). Campinas: Unicamp, 2004.
- DESCARTES, R. **O discurso do método**. (Trad. de Maria Ermantina Galvão e revisão de trad. de Monica Stahel). São Paulo: Martins Fontes., 2001.
- FERNANDES, H., BERTINI, P. V. R., HINO, P., TAMINATO, M., SILVA, L. C. P. DA ., ADRIANI, P. A., & RANZANI, C. DE M. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. **Acta Paulista De Enfermagem**, 35, eAPE01486, 2022. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO014866>
- GRUPO GAY DA BAHIA. Relatório de mortes LGBTI+ 2020. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em: 05 de Outubro de 2024.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KANT, Immanuel. **Lectures on Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- KRUG, E.G. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.
- SILVA, D. DA. Reflexões pertinentes sobre a violência contra pessoas LGBTI+ e sua articulação com a Pesquisa Nacional do Perfil LGBTI+ (2018) realizada pelo IBDEX. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, 17(9), e10999, 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.9-373>
- VORSATZ, I. O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan. **Psicol. clin.** vol.27 no.2 Rio de Janeiro 2015.